

Ignacio Gerber

INCONSCIENTE,
NUVEM
INFINITA



Blucher

INCONSCIENTE, NUVEM INFINITA

IGNACIO GERBER

Série Escrita Psicanalítica

Coordenação: Marina Massi

Inconsciente, nuvem infinita

© 2023 Ignacio Gerber

Série Escrita Psicanalítica

Editadora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Catarina Tolentino

Preparação de texto Carolina Tiemi

Diagramação Guilherme Henrique

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa Helena Lacreata

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blucher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Gerber, Ignacio

Inconsciente, nuvem infinita / Ignacio Gerber. – São Paulo : Blucher, 2023.

392 p. (Coleção Escrita Psicanalítica)

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-359-2

1. Psicanálise I. Título II. Série

22-6638

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Sumário

1. O inconsciente, nuvem infinita	9
O infinito “in acto”	9
Da tradição à contradição: do determinismo à aleatoriedade	21
O a plenitude do vazio	24
2. Psicanálise, <i>rêverie</i> , meditação	29
Origens históricas	29
Uma história zen	39
<i>Rêverie</i> e meditação	39
3. A nota fundamental – escuta musical e escuta psicanalítica	45
4. O jogo do inconsciente: falando o que me vem à cabeça	59
Uma pequena introdução às ideias de Ignacio Matte-Blanco	76
5. Histórias que conto nas sessões	83
Carta ao leitor	83

Do <i>Talmud</i>	84
Uma história que Freud contava	84
1001 histórias	85
Meus públicos	95
Magia	97
Lua no céu	97
Zuza	97
Gaiola	99
Resistências em análise	100
O caminho de menor resistência	100
Neutralidade ou naturalidade	100
Xicará de chá	101
Mantiqueira	102
Montaigne	102
Bach	102
6. De Freud a Bion pelos caminhos de Lao-Tsé – um cenário transdisciplinar	105
Psicanálise, transdisciplinaridade e linguagem	105
<i>Cogitations</i> ou <i>meditations</i>	111
De <i>Weltanschauungen</i> e <i>Besetzungen</i>	114
Freud, Bion e Lao-Tse	122
Paradoxos	126
Narcisismo e cosmicidade	130
7. E depois de Bion? Pensamento complexo e atitude clínica em psicanálise	139
Em algum canto da mente	139

Pensamento complexo	142
Matte-blanco – bi-modalidade e complexidade	153
Atenção flutuante – associação livre	161
Atitudes clínicas	163
8. O inconsciente infinito segundo Bion e Matte-Blanco	171
Bion e o inconsciente infinito	173
Por que Matte-Blanco?	177
O inconsciente infinito segundo Matte-Blanco	178
Um outro modelo de aparelho psíquico	193
Espaços multidimensionais	194
A emoção e o inconsciente	197
Processo psicanalítico	198
9. Sobre o preconceito: utopias pragmáticas	203
10. O medo da perda do amor	217
O medo entre o amor e o ódio	218
O medo e a violência, ou o ovo e a galinha	227
11. As várias dimensões do medo	233
12. Cartas trocadas: Walt Whitman – Sigmund Freud	247
13. Transferência avoenga	267
14. Neutralidade, naturalidade, neuturaldade	273
15. Príncipes e princesas	279
16. Gêmeos imaginários: variações sobre um tema de Bion	291
Tema	292
Variação 1 – <i>ópera de Pequim</i>	293

Varição 2 – <i>gêmeos idênticos?</i>	294
Varição 3 – <i>restaurante do Bi(r)ra</i>	296
Varição 4 – <i>ordem e progresso</i>	298
Varição 5 – <i>Neandertal, Homo sapiens e cachorros</i>	299
Varição 6 – <i>Rondó: nossas certezas de ontem</i>	300
17. Caminhos da intersubjetividade: Freud, Bion, Matte-Blanco	303
Introdução	303
De Ferenczi a Matte-Blanco	306
18. Da sedução retórica ao trauma generalizado	319
19. A psicanálise e a centopeia – música, cultura e comunidade	335
Prelúdio	335
Fuga	336
Coda	340
20. Criatividade em psicanálise: uma questão ética	343
21. Paradigmas fluentes na pesquisa psicanalítica	353
<i>Intermezzo</i> – pensamento complexo	356
22. Figuras rupestres: arte e/ou escrita	367
Referências bibliográficas	379
Índice remissivo	389

1. O inconsciente, nuvem infinita

O fator diferencial que eu quero introduzir não é entre consciente e inconsciente, mas entre finito e infinito.

W. R. Bion

. . . A lógica do inconsciente permeia todas as manifestações psíquicas humanas . . . Indo mais longe, esta lógica está presente no infinito matemático que tem obviamente uma relação fundamental com a estrutura do Mundo.

Ignacio Matte-Blanco

O infinito “in acto”

O termo “infinito” provém do grego, a partir do latim *in Finis*, aquilo que não tem fim, em oposição complementar com a *Finis*, finito, aquilo que tem fim e parece se adequar a nossa visão cotidiana

da realidade *in acto*, em ação. Em outras palavras, o ilimitado e o limitado. Atribui-se a Zenão de Eleia (490-430 a.C.) o primeiro uso matemático do infinito. Em outra tradição cultural, o texto indiano Mahendra (séc. IV a.C.) prenuncia Baruch de Espinosa (1632-1677) ao propor três conjuntos possíveis de números: o Enumerável, o Não Enumerável e o Infinito. O Infinito mais além de todas as coisas particulares ou todas as facetas de nossa existência.

Citamos, a seguir, uma excelente síntese do processo histórico sobre o Infinito, de autoria de Guillermo Martínez e Gustavo E. Piñeiro, no livro que escrevem em conjunto, *Gödel V (para todos)* (2010, p. 72):

O processo histórico sobre o Infinito iniciou-se com Aristóteles, com um dos conceitos mais esquivos, difíceis, maravilhosos que o pensamento humano criou. O que é o infinito? O que queremos dizer, por exemplo, quando afirmamos que a sequência 1, 2, 3, 4, 5 . . . é infinita?

A infinitude da sequência manifesta-se na característica inapreensível de “nunca terminar”, uma propriedade futura inalcançável, e não um traço presente concreto. A esta forma de Infinito, Aristóteles chamou “Infinito Potencial” ou “Infinito em potência”. A segunda forma de pensar o Infinito consiste em vê-lo como uma realidade presente “Em Ato”. Neste caso poderíamos imaginar um Ser sobrenatural que anotasse todos os números, absolutamente todos, num ato de vontade quase divina. É muito difícil, para não dizer impossível, captar o que isso significa. Somos capazes de representar um todo que está integralmente presente, mas que nunca termina?

Seja porque na verdade é inimaginável, seja por razões filosóficas mais profundas, Aristóteles afirmou em sua

Metafísica que o Infinito em Ato não existe. Ao longo dos séculos, esta rejeição ao Infinito em Ato foi defendida unanimemente pela ortodoxia ocidental, tanto filosófica como matemática. O Infinito em Ato, segundo os escolásticos, era um atributo da Divindade.

Apenas no final do século XIX, Georg Cantor revoluciona esses conceitos com sua Teoria dos Conjuntos, que era sua forma de designar o estudo das totalidades infinitas como se fossem um objeto em si. Ou seja, Cantor admite o Infinito em Ato, e que ele se constituísse no próprio fundamento de uma nova matemática, mais abrangente, com sua Teoria dos Conjuntos Infinitos [grifo]. (Tradução livre, grifos nossos).

Trezentos anos antes, o genial Espinosa antecipou os desenvolvimentos matemáticos e lógicos do conceito de Infinito na sua famosa *Carta sobre o Infinito*, de 1663 (p. 1), dirigida ao seu interlocutor Lodejvic Meijer:

A questão do Infinito sempre pareceu difícilíssima para todos, até mesmo inextrincável, porque não distinguiram entre aquilo que pode ser inteligido, mas não imaginado, e aquilo que também podemos imaginar, ou seja, o Infinito só pode ser inteligido, mas não imaginado. Se tivessem prestado atenção nisso, jamais teriam sido esmagados ao peso de tantas dificuldades. Com efeito, teriam claramente compreendido qual infinito não se divide em partes, ou não tem partes, e qual, ao contrário, pode ser dividido em partes sem contradição. Também teriam compreendido qual Infinito pode ser concebido

como maior que outro sem qualquer contradição, e qual não pode ser concebido assim.

Nesse pequeno fragmento, Espinosa nos ajuda a compreender o Inconsciente Infinito da Psicanálise, desde Freud a Bion e Matte-Blanco. Este último propõe Inconsciente e Consciente como dois “modos de ser” do ser humano. O “modo de ser indivisível”, infinito e inconsciente, e o “modo de ser divisor”, finito e consciente. Ambos complementares, em proporções variadas. Voltaremos a isso.

A lógica do Inconsciente sempre me fascinou e se tornou a meta de uma busca fundamental no sentido de minha prática clínica. Ao longo do tempo, meu ato de fé no Inconsciente evoluiu para um sentimento quase físico, quase corpóreo, do meu Inconsciente – ou, poderia dizer, do Inconsciente de todos nós. Experimento esse sentimento particularmente na presença de meus analisandos, mas este se dissemina para a minha “vida lá fora”.

Minha trajetória parte do Consciente finito, formas-pensamento, em direção a um Inconsciente Infinito, um caos organizado por uma *ordem implicada* transcendente.

A ideia de uma *ordem implicada* que dê sentido a um conjunto de dados caóticos e aparentemente sem sentido (as manifestações do Inconsciente, por exemplo) está apresentada em uma obra fundamental do físico David Bohm, *A totalidade e a ordem implicada: uma nova percepção da realidade* (1998, p. 17):

Temos, pois, de ficar alertas para considerar seriamente e atentar com cuidado para o fato de que nossas teorias não são “descrições da realidade como ela é”, mas sim, formas de insight sempre em transformação, que podem

indicar ou apontar uma realidade implícita e não descritível ou especificável em sua totalidade.

Qualquer evento, objeto, entidade etc. descritível é uma abstração de uma totalidade desconhecida e indefinível de movimento fluente.

A nova forma de insight talvez possa ser mais bem definida por “Totalidade Indivisa de Movimento Fluente”. A visão implica que esse fluxo, em certo sentido, é anterior ao das coisas que podem ser vistas formando-se e dissolvendo-se nesse fluxo. Pode-se talvez ilustrar o que se quer dizer com isso considerando-se o “fluxo da consciência”. Esta fluidez da consciência não é definível de maneira precisa, sendo porém evidentemente anterior às formas definíveis dos pensamentos e das ideias que podem ser vistos formando-se e dissolvendo-se no fluxo, como pequenos encrespamentos ou ondulações, ondas e vórtices num curso fluente.

Recomendo também outra obra bastante anterior, que é o livro *Flatland: A Romance of Many Dimensions*¹, escrito pelo matemático inglês Edwin Abbott em 1884 e que se tornou um clássico com inúmeras edições e livros escritos a respeito até a atualidade. No romance, o autor descreve um mundo ficcional de duas dimensões (algo como uma folha de papel com seus habitantes desenhados sobre ela), no qual se pode apreender uma visão sarcástica da cultura vitoriana, mas cuja maior contribuição é sua crítica à Física e à Matemática de seu tempo, o que abre a imaginação para possíveis universos com quatro ou mais dimensões espaciais que podemos inteligir, mas não

1 *Planolândia: Um Romance de Muitas Dimensões*. (2002). Tradução Leila de Souza Mendes. Conrad.

imaginar. Impossível desenhar em três dimensões uma figura virtual de quatro ou mais dimensões. Segue uma pequena ilustração de suas ideias feita por Basarab Nicolescu, diretor do *Centre National de la Recherche Scientifique* (Centro Nacional de Pesquisa Científica), em Paris, no seu livro *Ciência, sentido e evolução* (1995, p. 100):

Imagina-te em teu próprio mundo, tão familiar, de três dimensões espaciais. Agora imagina uma folha de papel (de duas dimensões) povoada por todo tipo de habitantes, cujos órgãos dos sentidos lhes permitem perceber com precisão o que se passa em duas dimensões, mas exclusivamente em duas dimensões. Tomemos agora uma circunferência e deixemos que ele penetre suavemente a folha de papel, num ângulo perpendicular a essa folha. Os habitantes desse mundo bidimensional verão primeiro a súbita aparição de um ponto, ponto de tangência. Pensarão tratar-se de um novo fenômeno, e que seria conveniente estudá-lo com todos os meios de sua ciência. Em seguida, verão o ponto separar-se em dois que aos poucos se afastam um do outro. Farão todo o tipo de experiências e inventarão teorias para explicar perfeitamente o que se passa. As complicações começarão quando um desses físicos de duas dimensões – aliás, um dos mais brilhantes de sua época – mostrar sem ambiguidade alguma que o movimento dos dois pontos indica a existência de correlações incompreensíveis: os dois pontos reagem como um conjunto solidário, sem que nenhum sinal possa ligá-los entre si. Os físicos desse mundo bidimensional tinham acabado de descobrir a “não separatividade”. A circunferência continua o seu movimento: os dois pontos, após atingirem a distância

máxima (o diâmetro da circunferência), começariam a aproximar-se até se juntarem num só ponto, que em seguida desapareceria subitamente do mundo da folha de papel sem deixar qualquer vestígio: a circunferência teria apenas atravessado o papel. Enquanto isso, polêmicas assolariam o mundo de duas dimensões, não apenas a comunidade dos físicos, mas também a dos filósofos e teólogos. De tempos em tempos, o grande público assistiria a seus debates televisados ou leria alguns de seus incontáveis compêndios, sem nada compreender do que estaria ocorrendo.

No entanto, para nós – seres tridimensionais –, a situação é muito simples e racional: trata-se apenas de uma circunferência que atravessa uma folha de papel.

São os próprios hábitos de pensamento que impedem de perceber a nova realidade.

Como romper esses hábitos? Talvez por meio da genialidade de um Freud bidimensional – certamente seria tachado de místico ou visionário pela sua academia científica – que intuísse que algo escapa à percepção possível nesse mundo bidimensional, percepção que nos limita a um aspecto absolutamente parcial da realidade, um empirismo pobre.

Em seu livro *The unconscious as infinite sets (O inconsciente como conjuntos infinitos)*, de 1975, o psicanalista Ignacio Matte-Blanco propõe para o Inconsciente freudiano uma outra dimensionalidade, superior às três dimensões espaciais que constituem nosso ser físico: *um Inconsciente portador de uma ordem implicada latente, em outra dimensão, que daria sentido aos conteúdos manifestos em nossa dimensão habitual, transcendendo-a.*

Transcender, como eu entendo, seria, então, elevar-se a um campo de sentidos mais abrangente, em que relações possivelmente ocultas no campo básico de referência tornam-se explícitas e claras. É uma possível definição do método psicanalítico. Transcender o sentido consciente para uma outra dimensão onde simplesmente não existam os paradoxos da lógica clássica e até mesmo as contradições entre Consciente e Inconsciente.

Talvez a Psicanálise se defina por uma atitude desse tipo: “tudo tem a ver com tudo”, o que nos remete aos deslocamentos, condensações e demais postulações freudianas. Nada é separado de nada, qualquer fala de um analisando em sessão é um puro presente que representa a totalidade do mundo emocional, existente e preexistente, recriada entre ele e seu analista.

Existe uma tendência de dividir a obra de Bion em fases; por exemplo; Fase Matemática e Fase Mística. Aparentemente são apenas facetas de uma única fase que permeia toda sua obra: a busca de uma teoria compreensiva sobre o “pensar emocional do ser humano” que contemplasse a “lógica finita consciente” e a “lógica infinita inconsciente”. Bion parte da Matemática clássica de Aristóteles e Euclides e da Física clássica de Isaac Newton, que não admitem a contradição e eram as referências positivas às quais Freud teve acesso, e adentra corajosamente as criações contemporâneas de uma nova ciência, que admite a ambiguidade, o paradoxo, o infinito e a inevitável implicação do observador.

Na introdução de *Learning from Experience* (O aprender com a experiência) (1962), Bion se pergunta se o livro seria compreendido por um leitor que não tivesse experiência da prática clínica psicanalítica. A convicção entusiasmada de Freud sobre a perene e inefável presença do Inconsciente em toda e qualquer manifestação

humana foi plasmada a partir de sua prática clínica, e Bion radicaliza essa convicção, que se torna o eixo privilegiado de seus escritos. Por outro lado, ele mantém abertos quaisquer caminhos que possam ser percorridos pelo leitor, consciente de que criações artísticas ou científicas só se completam com a participação ativa do seu destinatário. A obra de Bion se abre para as mais variadas e possivelmente contraditórias interpretações, e essa era sua intenção. Para tanto, ele se utiliza de suportes instrumentais das mais variadas áreas do conhecimento humano na tentativa de se aproximar da lógica inconsciente vivida por ele na sessão psicanalítica.

Um exemplo emblemático do uso metafórico que Bion faz de um conceito matemático é o “fato selecionado”, criado por Henri Poincaré e adotado por Bion. Transcrevemos um fragmento do livro *Learning from experience* (1962, p. 73), de Bion, em que este traz uma colocação de Poincaré em *Ciência e Método* (1908) sobre o processo matemático:

H. Poincaré assim descreve o processo de criação de uma formulação matemática: “Para que um novo resultado tenha qualquer valor, ele precisa unir elementos há muito conhecidos, mas até então dispersos e aparentemente estranhos entre si, e de repente ele introduz ordem onde a aparência de desordem reinava. Então ele nos possibilita enxergar de relance cada um desses elementos no lugar que ocupam no conjunto. Não só o ‘fato novo’ é valioso por si só, mas ele dá um novo valor aos fatos (elementos) que ele une. Nossa mente é frágil assim como nossos sentidos; ela se perderia na complexidade do mundo se essa complexidade não fosse harmoniosa; como os míopes, ela apenas veria os detalhes, e seria obrigada a esquecer cada detalhe antes de examinar o próximo porque seria

incapaz de captar o conjunto. Os únicos fatos dignos de nossa atenção são aqueles que introduzem ordem nessa complexidade e a tornam acessível”.

Essa descrição se assemelha bastante à teoria psicanalítica das posições esquizoparanoide e depressiva de Mrs. Klein. Eu usei o termo “Fato selecionado” para descrever aquilo que o psicanalista deve experienciar no processo de síntese . . . que parece ligar elementos que até então não pareciam conectados . . . O fato selecionado é o nome de uma experiência emocional: a experiência emocional de um sentimento de descoberta de coerência. (Tradução livre, grifos do autor).

Isso ficará mais claro com um exemplo prático bastante conhecido: estamos atendendo um analisando há tempos, e, em uma sessão, ele nos relata uma série de acontecimentos vividos recentemente, entremeados por memórias passadas, sonhos, autointerpretações, enfim, um conjunto díspar de “fatos dispersos”, de “elementos” conhecidos, de *per si*, mas nos escapa qual o sentido de tudo isso; o que ele está querendo nos transmitir; o que se passa entre nós; qual a experiência emocional que compartilhamos (ou não) nesse momento. Uma sensação possivelmente ansiosa de não entender nada. Subitamente nos ocorre uma formulação que parece dar sentido a tudo aquilo que parecia não ter sentido – um *insight*. Claro, quando essa captação ocorre, tantas vezes ou o mais das vezes ela nos escapa.

Reparem que a proposta de Poincaré, endossada por Bion, vai mais além dos processos dedutivos e indutivos da matemática clássica. O sentido geral é captado sem um processo linear de tentar conectar cada elemento ao seguinte. O sentido nos vem *d’emblée*, em uma captação totalizante que transcende a lógica clássica. Com a proposição do Fato Selecionado, *Poincaré inaugura o campo da*

complexidade, posteriormente desenvolvido por Edgar Morin (1921). A complexidade vê o mundo como um todo indissociável e propõe uma abordagem multidisciplinar e multidiferenciada para a construção do conhecimento. Contrapõe-se à causalidade linear ao abordar os fenômenos como totalidade orgânica.

Gregory Chaitin, eminente matemático contemporâneo com importantes contribuições para a teorias da complexidade, informação algorítmica e metamatemática, propõe que, em toda área do conhecimento, existem as concepções criativas e os detalhes. Ele chama de “detalhes” o trabalho cotidiano e o produto específico de cada área. Já as concepções criativas extrapolam, transcendem, comunicam e fertilizam todas as áreas com uma nova maneira de pensar as coisas. O fato selecionado é um bom exemplo de concepção criativa, assim como o Inconsciente freudiano.

Retomando o caminho que, a partir de Freud, Bion percorreu por meio de momentos transformadores das ciências, até então alcunhadas de “exatas”, proponho neste meu artigo que *o Inconsciente é o exemplo mais marcante da existência concreta do “Infinito em Ato”, que nos constitui como seres humanos e cuja possível apreensão de suas interferências no campo da “finitude consciente” se dá em uma atitude de “atenção intuitiva” do analista. A Psicanálise é uma arte-ciência intuitiva.*

Existe um *common ground*, uma base comum, um conceito fundamental consensual aceito incondicionalmente por todas as escolas psicanalíticas e até mesmo pelas escolas dissidentes que surgiram a partir da criação de Freud? Eis uma questão sempre presente e que tem sido motivadora de tantas controvérsias ao longo da história da Psicanálise.

Parece evidente, quase óbvio, que a postulação por Freud de um Inconsciente cria e define a Psicanálise e se torna seu conceito

fundamental. O Inconsciente é o *common ground*, a base comum compartilhada por todas as escolas pós-freudianas. Claro que há diferentes visões no detalhamento dessa noção de um Inconsciente estranho que escapa ao nosso controle consciente, porém a certeza de sua existência inefável e essencial percorre todas as tendências citadas e outras mais.

Isso nos conduz a outro conceito fundamental que se integra ao conceito de Inconsciente para constituir essa base comum: a atitude psicanalítica que possa propiciar algum acesso ao código contraditório e esquivo do Inconsciente. Freud denominou-a “atenção livremente suspensa”, ou “atenção flutuante”, ou “audição sem seletividade”, atitude desejável para que o psicanalista possa ter acesso ao Inconsciente de seu paciente por meio dele próprio. Essa atitude é uma consequência natural da postulação por Freud do que ele denominou “regra fundamental” (ou principal) da Psicanálise: a “associação livre” do paciente.

Essa ideia de associação livre como regra fundamental da Psicanálise se engendra para Freud desde *The interpretation of dreams* (A interpretação dos sonhos), de 1900/1965, mas é em *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise* (1912/1969) que Freud propõe a ideia conjunta de associação livre e atenção flutuante de maneira mais extensa e abrangente, explicitando sua convicção de que a associação livre do analisando demanda uma atenção flutuante por parte do analista para poder escutá-la. Os dois conceitos são inseparáveis e complementares, e constituem um contínuo que incorpora e transcende analista e analisando, uma transmissão de Inconsciente para Inconsciente. Em outras palavras, uma imersão mútua em um Inconsciente comum filogenético e ontogenético, uma memória emocional infinita, recriada entre os dois.

Bion insistia que não criava uma nova teoria psicanalítica, mas tão somente uma metateoria da *observação psicanalítica*. Como julgar se

uma nova teoria científica traz algo realmente novo? Lembramos duas proposições a respeito. Segundo a primeira, “Uma teoria científica é NOVA quando torna obsoletas teorias preexistentes”. Segundo a outra, “Uma teoria científica é nova quando transforma teorias preexistentes em seus casos particulares” (Bion, 1962, p. 7). Extrapolamos essas proposições para qualquer campo de teorização humana, incluindo teorias científicas, teorias estéticas, teorias psicanalíticas etc. Como exemplos clássicos, Einstein reduziu a física newtoniana a um caso particular válido apenas dentro de certas condições, e a postulação do Inconsciente por Freud reduziu o Consciente a seu caso particular. Nos dois casos, o que se tornou obsoleta foi a ideia preexistente de que a física newtoniana ou o Consciente pudessem abarcar a totalidade do conhecimento possível. As ideias de Bion devem ser compreendidas dentro desse contexto histórico no qual as ilusórias certezas temporais das lógicas conscientes se abrem para a incerteza radical e atemporal da lógica inconsciente. A ambiguidade e a incerteza rompem as barreiras limitadas da certeza racional e a confronta com o infinito. Como diz David Bohm (1998, p. 67), físico atômico e pensador: “A realidade é ambígua; o não ambíguo é simplesmente um caso especial da realidade, no qual conseguimos finalmente capturar algum aspecto específico dela”.

Da tradição à contradição: do determinismo à aleatoriedade

Freud viveu em uma época na qual a lógica determinista predominante no pensamento científico foi colocada em questão, e expandida principalmente na Matemática e na Física, em direção à aleatoriedade, à contradição, à incerteza e à indecidibilidade. Durante a maior parte da vida de Freud, essa nova visão do mundo, uma nova cosmovisão, que essas e outras descobertas produziram ainda se circunscrevia

a uma classe limitada de cientistas, com pouca divulgação e compreensão mesmo entre homens cultos e informados da época. Bion era da época em que essas ideias já eram amplamente divulgadas e mais bem compreendidas por um público mais amplo, pertencente às mais variadas áreas do conhecimento. Vamos ilustrar, por meio de algumas dessas ideias revolucionárias – expostas aqui de maneira bastante simplificada e concisa –, as mudanças que essas produziram na nossa maneira de pensar a lógica do universo e na nossa própria lógica interna. Em 1900, no Congresso Internacional de Matemática, David Hilbert, seu líder incontestável, propôs os 23 problemas não resolvidos da Matemática como desafio aos colegas, na certeza de que era apenas uma questão de tempo até que fossem todos resolvidos, e exortou-os com a frase lapidar: “Devemos saber, saberemos!”. No Congresso Internacional de 1931 o jovem matemático Kurt Gödel surpreende seus colegas e destrói mais essa ilusão ao propor seu “teorema da incompletude”.

Novamente em termos muito simplificados: qualquer equação matemática, além das mais triviais, apresenta soluções indecidíveis. Rompe-se a ilusão de futura conquista possível da totalidade do conhecimento, mas nem por isso a Matemática deixa de evoluir continuamente ao aceitar a própria limitação. Em resumo: a realidade é incerta e indecifrável. Kant potencializou que o universo a que temos acesso é apenas uma realidade possível entre infinitos multiversos. Após o terceiro golpe desfechado pela Psicanálise, eis o quarto e definitivo golpe em nossa arrogância, mas que nos abre as portas do infinito.

A postulação por Freud de um “determinismo psíquico” que abriria tantos novos caminhos era baseada em um conceito determinista predominante na mentalidade da época. Parece-nos de suma importância assinalar que o texto *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise* (1912/1969) constitui uma mudança fundamental na maneira como Freud pensa a Psicanálise e uma mudança que

preuncia o *Ego e o Id* na sua passagem do determinismo psíquico para a aleatoriedade inconsciente. A proposta inicial de decompor o sonho em elementos isolados e tentar entender as correlações lineares entre esses elementos para tentar estabelecer um sentido abrangente utilizava uma lógica consciente para se aproximar da lógica contraditória do Inconsciente. A partir da postulação da atenção flutuante + associação livre, inverte-se o processo: ao assumir essa atitude analítica, nós nos dispomos a apreender a mensagem do Inconsciente a partir de uma totalidade de nossa intuição informada e, a partir dela, procurarmos o sentido dos elementos, dos fragmentos, dos detalhes. Do infinito ao finito.

As características do Inconsciente freudiano (deslocamento, condensação etc.) podem ser pensadas como consequências vivenciais de um princípio totalizante da lógica inconsciente. Ela não obedece à lei do Terceiro excluído, de Aristóteles, que norteou o pensamento científico por milênios e que propõe que, se dois elementos, A e B, são diferentes entre si, não existe um elemento T que se iguale aos dois. Essa lei é também conhecida como “princípio da não contradição”: proposições contraditórias são inaceitáveis pela ciência. Ao admitir a contradição, a lógica inconsciente estabelece vínculos de sentido a quaisquer e todas as imagens mentais nas quais se registram as experiências emocionais de vivências pessoais e da espécie humana. A lógica do Inconsciente, o sonho, é um eterno retorno ao infinito primordial.

No campo da Física, entre 1905 e 1915, Einstein publica a Teoria da Relatividade Restrita e a Teoria da Relatividade Geral, surpreendendo o mundo científico com a demonstração de conceitos físicos que contradizem ideias preestabelecidas e, mais do que isso, agridem nosso senso comum. Como exemplos, a equivalência de matéria e energia, a relativização do tempo e a noção de um espaço mutante que se curva quando submetido à força gravitacional de um corpo celeste de grande massa.

Em 1927 o físico Werner Heisenberg, um dos criadores da física atômica, propôs o seu princípio da incerteza: no campo das partículas elementares é impossível determinar com precisão a massa e o momento (movimento) de uma partícula; a observação interfere no fenômeno. Isso implica uma limitação perene do conhecimento científico, o que põe fim à ilusão de que em algum momento a evolução da tecnologia e do conhecimento científico nos conduziria à certeza sobre tudo. Temos que aceitar a incerteza como elemento inerente ao saber, e esse princípio da Física se dissemina por todas as áreas do conhecimento humano.

Como podemos observar, a obra de Freud – de 1900 a 1939 – coincide com uma mudança radical na cosmovisão científica, na *Weltbild*, do determinismo newtoniano para a aleatoriedade probabilística da mecânica quântica. Uma nova maneira de pensar descrita de forma expressiva por Niels Bohr, um dos criadores da mecânica quântica, e em uma frase que ficou mundialmente famosa: “Quem não achar a física quântica muito esquisita, é porque não a entendeu”. Pensamos em uma analogia: quem não achar a lógica do Inconsciente muito esquisita, é porque não a compreendeu.

O a plenitude do vazio

Recorremos a uma ilustração clássica acerca da “barreira de contato” entre Consciente finito e Inconsciente Infinito. Onde está o limite entre essas duas lógicas? Tomemos um polígono de quatro lados, um quadrado, e vamos aumentando o número de lados. Sabe-se que, no limite – este é o conceito de limite matemático –, chegaremos a uma circunferência. Mas, evidentemente, uma circunferência não é um polígono com infinitos lados. Por outro lado, é, se nós imaginarmos um monte de lados, cada vez menores, mas em algum momento há um corte, eu diria um corte epistemológico, um corte lógico, total e

absoluto. Em algum momento esse monte de lados desaparece e se torna uma continuidade, sem início e sem fim. É uma maneira de exemplificar o que acontece quando se passa do Consciente para o Inconsciente. É uma mudança absolutamente radical. Desaparecem as partes e cria-se uma continuidade. É o motivo de a circunferência ser um símbolo primordial de todas as tradições hindus, chinesas, maias etc. É o símbolo da continuidade, o símbolo da divindade. E o O de Bion sem dúvida decorre daí. Não é apenas um zero ou um “O” de linguagem. É, mais do que tudo, a forma da circunferência, dessa continuidade infinita.

Se pensarmos o Inconsciente, então, como uma infinitude de sentidos e relações, estará nele tudo o que já vivemos emocionalmente, todas as nossas vivências internas e, talvez, toda a memória da espécie – algo que Freud denominou herança arcaica, Jung enfatizou como Inconsciente Coletivo, e Borges poetizou em *O aleph*, o conjunto infinito de todos os conjuntos infinitos, *uma nuvem infinita*.

Apelo para a audição musical na tentativa de ilustrar a *cesura*, termo caro a Bion, entre uma vivência finita e infinita. Assistimos a um concerto e, estimulados pela música aleatória da afinação dos instrumentos, nós nos preparamos para escutar um concerto para piano e orquestra. Podemos escutá-lo de muitas maneiras: classificatoriamente, este é um concerto da fase madura de Beethoven; ou, comparativamente, “gostei mais da interpretação de Lang Lang”. Todas as audições são válidas e importantes tanto estética como intelectualmente, e também emocionalmente. Mas há momentos em que somos capturados pela *música*, nos quais esquecemos tudo o que aprendemos antes e sabemos agora e nos entregamos a ela em uma experiência radicalmente prazerosa. Ela não tem mais compositor, ou intérprete, ou ouvinte. Talvez sejamos ousados descobridores de uma música que existe esperando ser descoberta, infinita.

Em *Do I dare disturb the Universe?*, de 1981 (p. 482), livro com contribuições de vários estudiosos de Bion e organizado por Grotstein

e Parthenope Bion, Matte-Blanco nos diz em seu artigo “Reflecting with Bion”:

Imagino o que Kant pensaria se ouvisse Bion, que meditou anos a fio sobre o Noumenon Incognoscível, falar hoje de maneira que lembra a sabedoria budista fazendo-nos suspeitar que o Incognoscível é incognoscível porque é impensável. (Tradução livre).

No segundo capítulo de *Atenção e interpretação* (Bion, 1970/1973), livro que, ao meu ver, representa a essência do pensar bioniano, o autor faz a ligação entre uma conjectura filosófica e nossa prática clínica:

O psicanalista lida com realizações que não podem ser vistas nem tocadas; a ansiedade não tem forma, cor, odor, ou som. Proponho, por conveniência, usar o termo “intuir” como um paralelo, no âmbito do psicanalista, ao uso de “ver”, “tocar”, “cheirar” e “escutar” (p. 111).

...

Vou usar o símbolo O para denotar aquilo que é a realidade última e verdadeira, representada por termos como realidade última, verdade absoluta, a divindade, o infinito, a coisa-em-si. O não incide no âmbito do conhecimento ou aprendizado, a não ser incidentalmente. Pode “tornar-se”, mas não pode ser “conhecido”. O é escuridão e ausência de forma, mas entra no âmbito K (knowledge) quando evoluiu a ponto de poder ser conhecido, por intermédio de um conhecimento obtido por experiência, e formulado em termos derivados de

experiência sensorial; sua existência é conjecturada fenomenologicamente (p. 112).

...

Pode-se perguntar qual seria o estado de mente bem-vindo, já que memórias e desejos não o são. Um termo que expressaria de modo aproximado o que necessito expressar é “fê” – fé de que existe uma realidade última e verdade – o “infinito desprovido de forma”, desconhecido, incognoscível (p. 112)

...

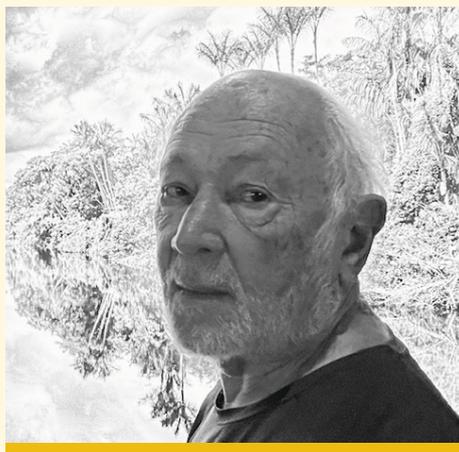
O analista não pode estar identificado com O: ele precisa sê-lo (p. 112).

Octavio Paz, a respeito de Bashô no livro *Sendas de Oku* (1983/1986, p. 68), coloca:

A doutrina Zen afirma que as fórmulas, os livros canônicos, os ensinamentos dos grandes teólogos e ainda mesmo a palavra de Buda são desnecessários. . . O Zen afirma que o estado Satori é aqui e agora mesmo, um instante que é todos os instantes, momento de revelação em que o Universo inteiro — e com ele a corrente de temporalidade que o sustém — desmorona. Este instante nega o tempo e nos põe em confronto com a Verdade.

Ao que acrescento:

Ser o infinito em ato, ser o Inconsciente.



Ignacio Gerber

É psicanalista atuante em São Paulo. Membro efetivo e docente na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Tem inúmeros artigos e livros publicados no Brasil e no exterior. É membro do CETRANS, Sociedade Brasileira de Transdisciplinaridade e pesquisador no campo das ciências contemplativas. O autor também é músico, violoncelista e regente coral. Engenheiro de formação, especializado em mecânica dos solos e fundações, atuou anteriormente como professor e autor de mais de cinco mil projetos de fundação de grandes estruturas.

série

Escrita Psicanalítica



Coord. Marina Massi

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-359-2

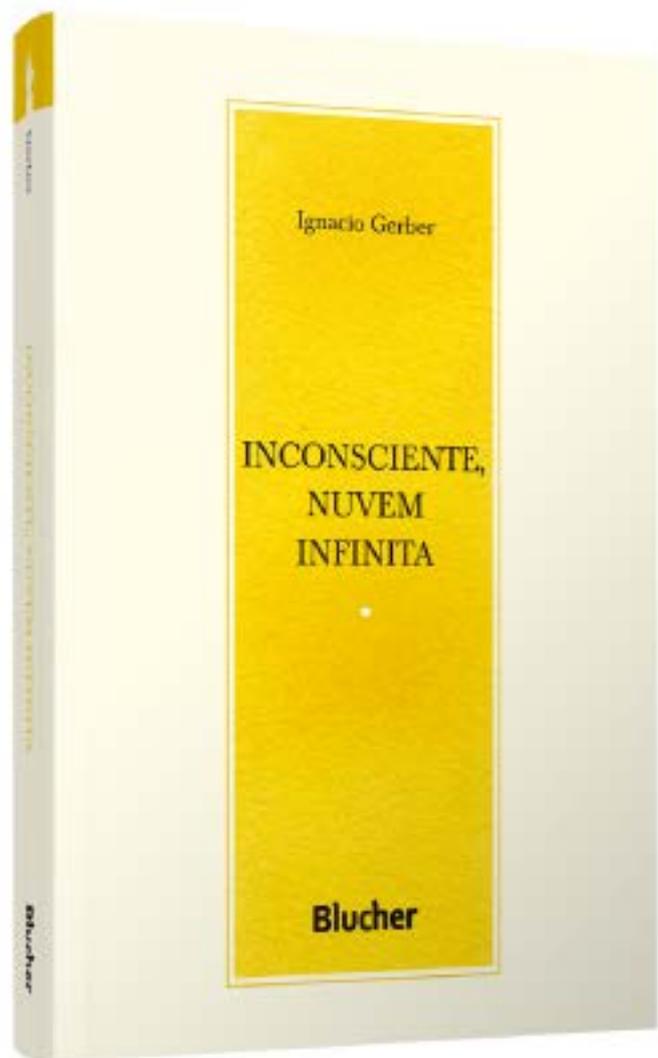


9 786555 063592



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Inconsciente, nuvem infinita

Ignacio Gerber

ISBN: 9786555063592

Páginas: 392

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
